

# Rubem Braga

DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



## Escrever

"Quién supiera escribir!". A exclamação, de um verso de Campoamor, me vem à lembrança às vezes — como neste momento em que eu tanto precisaria dizer tantas coisas, e não sei dizê-las. Esta é a terceira ou quarta vez que ponho o papel na máquina e começo a escrever; mas sinto que as frases pesam ou são falsas, e as palavras dizem de mais ou dizem de menos, e a escrita sai desentoadada com o sentimento.

Se eu soubesse escrever, poderia, de maneira mais simples, dizer algumas coisas tão sentidas que as duas mulheres em que estou pensando neste momento me leriam em silêncio e compreenderiam e guardariam por mim isso que não quero perder de uma nem de outra: este sentimento para o qual não encontro uma palavra certa, e que prefiro exprimir com uma palavra meio vaga, inexacta e quase morna, a palavra estíma.

Pensei, antes, na palavra ternura; mas ela tem alguma coisa de mole, de abandono animal; e pensei na palavra amizade, que poderia exprimir muito, em sua simplicidade; mas é exatamente, em um caso e outro, aquilo de que estou me negando, aquilo de que estou fugindo, porque me sinto incapaz.

Isso, que acabo de escrever me magoa: dizer que me sinto incapaz de ter amizade por umas dessas pessoas. Não, não é isso; o que me é difícil

### "O CACTO" NÃO É TRADUÇÃO

Publicamos no último número o belo poema "O Cacto", de Cassiano Ricardo; por inadvertência, apareceu como tradução, quando é original do poeta paulista.

não é a amizade, é o jogo da amizade, é a prática diária da amizade — tão doce, em certos momentos, mas tão penosa em outros, quando sentimos que, por mais que não o desejemos, há outros sentimentos que dão a cada palavra, a cada gesto amigo, um tom diferente.

De uma não quero, não posso ser amigo, porque a mim mesmo parecerá que essa amizade

seria para mim uma astúcia triste, uma longa espera, uma tocaia permanente, à espreita de um momento de abandono ou de tonteira, de uma veneta sentimental. De outra não quero, não posso ser amigo porque sinto, sem ela me dizer, que, em relação a mim, ela está quase na mesma posição em que estou em relação à outra. São tristezas diversas, mas irmãs; e se às vezes esse jogo me prende e me comove, ele acaba doendo e ficando triste demais.

Devo estar velho; sinto alguma coisa que, à falta de nome melhor, chamarei de gástura; uma gástura sentimental, feita de melancolia e de aflição. Releio isso que escrevi acima e vejo que está quase ridículo, e ao mesmo tempo frio como um esquema. Teria sido melhor não escrever nada. Não, não é verdade; teria sido melhor escrever, mas escrever com o sentimento tão fundo e a mão tão leve que, que... não sei dizer o que quero, ou talvez não queira dizer o que sinto — não sei, não quero nada. "Quién supiera escribir!"

## GENTE DA CIDADE



José Pedrosa,  
escultor

JOSÉ Alves PEDROSA, para os íntimos Zépé, nasceu numa fazenda de Rio Acima, Minas, em 1915 e é o caçula de oito irmãos, e o único deles que teve oportunidade de estudar. É muito comum no interior essa vantagem dos irmãos mais moços, que nascem quando a família já está em melhores condições; não tendo podido dar uma educação melhor aos outros filhos, o velho Pedrosa quis fazer deste um verdadeiro doutor, médico ou engenheiro.

Quando Zé tem 5 anos, a fazenda é vendida e seu pai compra um sítio em Cachoeirinha, junto a Belo Horizonte, e, ao mesmo tempo que frequenta o grupo escolar e depois o Colégio Arnaldo, o menino se entrega a vários misteres, tais como banho de côrego e criação de passarinho, e para ganhar dinheiro, mas principalmente para fazer alguma coisa, planta um pequeno bananal e vende as respectivas bananas, tem uma vaca, um carneiro, um cavalo e um cachorro, foi caixeiro de sêcos e molhados, "vagalume" do Cinema Brasil e ajudante de mecânico numa empresa de ônibus, sem falar de sua qualidade de fundador e meia-esquerda do Canadá Futebol Clube.

Tinha facilidade em desenho e modelagem, mas não levava muito a sério essas coisas até o fim do ginásio, quando deu para frequentar a biblioteca da rua da Bahia, e disparou a ler livros de arte. O pai lhe dera um pequeno lote de terra; vendeu-o por três contos, e com esse dinheiro veio para o Rio em 1936 e aqui passou um ano na Escola Nacional de Belas Artes, curso livre de escultura. Teve uma grande decepção (imaginava a Escola uma coisa formidável), mas em todo caso aprendeu a lidar com o material e viu muita coisa; até então só fizera uns quadrinhos a óleo e uma cabeça do pai em cera virgem. O pai, que se zangara com ele, se reconcilia, e lhe faz a mesada de 150 mil réis. Pedrosa mora num quarto de pensão com um cantor de rádio, um farmacêutico e um investidor; este um dia está de serviço no Casino da Urca e o convida a ir lá; alguém vê o rapaz ali e conta em Belo Horizonte ao velho, que imediatamente corta a mesada do "boêmio". Fraqueza do pulmão e pedra nos rins o devolvem a Minas e passa meses na fazenda de uma de suas irmãs tomando uma dúzia de ovos por dia e toda tarde maçã assada com vinho do Porto. Já então faz uma pequena terra-cota com visível influência de Maillol.

Quando volta a Belo Horizonte, se mete num movimento popular contra a companhia de bondes e é preso mais de uma vez; esse rapaz calado, tímido, desconfiadíssimo, não chega a ser um comunista, mas tem explosões de protesto social ou de simples temperamento; numa destas, quando regressa ao Rio, entra em grossa pancadaria com colegas da Escola que o chamam de futurista e comunista, e é convidado a não mais frequentar as aulas. Fica ali pela porta da Escola e bobeando pelo Vermelho; então já conhece a turma de arquitetos, artistas e escritores novos que formiga na Araújo Pôrto Alegre. Oscar Niemeyer recebe a encomenda da Pampulha e convida Pedrosa a fazer um torso para a Casa do Baile; vai executá-lo em Belo Horizonte e lá improvisa um "atelier", o primeiro da terra, que vários escritores novos passam a frequentar, como Rubião (seu colega do Colégio Arnaldo), Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, etc. Trabalha muito; é então que, sózinho, errando inúmeras vezes e refazendo o trabalho, sem ninguém que o oriente, ele aprende seu "metier". Na Escola não lhe haviam ensinado sequer o método de trabalho; depois de suar quatro anos com a tal muller da Casa do Baile é que descobre que primeiro é preciso estudar bem, no desenho, a figura; depois fazer a maquetinha, depois aumentá-la; depois fazer em grande. O serviço nunca será entregue, mas entretanto ele faz uma cabeça de Murilo Rubião e, depois de três tentativas que não o satisfizeram, uma excelente cabeça da moça Helena, filha do Governador Valadares; também faz um retrato de Cyro dos

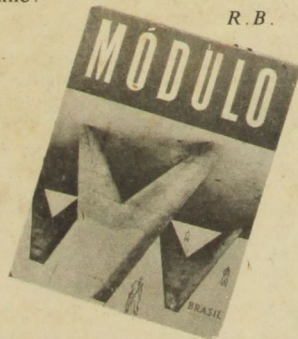
Anjos. Uma cabeça de Fernando Sabino, feita nessa época, durara até o ano passado. O escultor não gostava dela, mas explica: "Eu não podia quebrar porque o objeto não era meu; o Fernando não podia quebrar porque o trabalho não era dele; o Arnaldo Pedrosa d'Horta veio de São Paulo e, como não tinha nada com isso, jogou a cabeça no chão e quebrou, para alívio meu e do Fernando".

Em 43, volta ao Rio, é acolhido no apartamento de Paulo Silveira e Percy Deane, arranja depois um lugar para trabalhar na Biblioteca Nacional, amplia o trabalho para a Pampulha e faz um grupo para a casa de Francisco Inácio Peixoto, de Cataguazes, em travertino. Quem o ampara, a certa altura, é Marques Rebêlo. Finda a guerra, Portinari e Landucci indicam seu nome ao adido cultural francês e Pedrosa recebe uma bolsa para Paris. Fica dois anos pela Europa, graças à modestíssima bolsa e a uma pequena ajuda do Itamarati; faz um curso de talhe de pedra com Nicolussi, que muito aproveita, tem uma enorme e bela namorada suíça, aprende a fazer comida em casa, anda léguas a pé, vai quatro vezes à Itália, faz e vende várias cabeças, vê museus, conhece artistas, adquire para sempre o vício do cachimbo. Volta porque sente saudades da família, quer rever os velhos pais, e nos primeiros tempos é hospedado em Ipanema na casa de Carlos Thiré. Passa depois para o antigo "atelier" de Vicente Leite, um trecho da via Margutta encravada em Botafogo, na rua Pinheiro Guimarães, e ali faz vários retratos como os de Macedo Soares (J.E.), senhora Peggy Salles, Matagão Gesteira e, para a Câmara dos Deputados, Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco. Como todo escultor, perde um tempo imenso fazendo estudos para encomendas que jamais serão efetivadas e agora mesmo está gravemente encravado com uma figura de gesso de cinco metros e meio de altura por seis de comprimento, para o Centro Cívico de Curitiba, trabalho que o obrigou a morar em São Paulo e trabalhar duramente mais de um ano.

Admira sobretudo, em escultura, Maillol, Despiau, Laurens, Lipchitz Brancusi e Arp; hoje tende à fazer menos figuras e mais procuras plásticas, e gosta de trabalhar em conjunto com um arquiteto e um pintor; está executando uma fonte (Roma lhe deu o amor das fontes) para homenagem a Filomeno Ribeiro, em Montes Claros, juntamente com Aldary e Milton Costa; e por indicação de Sérgio Bernardes, faz uma composição em ferro para o apartamento de Cincinnati Braga. Gostaria de fazer mais fontes e trabalhos para parques e jardins, mas "geralmente essa gente do governo prefere os acadêmicos e enche a cidade de trólhos e marmotas". No ano passado, ganhou, no Salão Nacional, o Prêmio de Viagem pelo Brasil. Não frequenta sociedade, mas reconhece que os artistas que andam pelos salões têm mais "chance" de receber encomendas; raramente usa gravata, dirige bem sua MG, apesar de ser míope e não usar óculos, lê principalmente contos e poesia, preferindo Holderling, Rilke e Valéry; gosta de beber, e só não bebe mais porque no dia seguinte não pode trabalhar com a mesma cabeça e a mesma mão; enfurna-se freqüentemente no "atelier" e quase sempre foge quando há uma reunião de mais de quatro pessoas. Assim é o Zépé, silencioso, olhando de lado, paciente e apaixonado pelo seu trabalho.

R. B.

**ATENÇÃO**  
PARA  
"MÓDULO"



NÃO É PARA GABAR, como se diz, mas a revista "Módulo" — Arquitetura e artes plásticas — está uma beleza. Hoje, mais de uma pessoa já teve oportunidade de ver essa publicação, de maneira que não é cabotismo falar bem de uma coisa que, de certa forma, nos pertence. A revista é boa, mesmo. Tem um artigo do poeta e engenheiro, Joaquim Cardoso, sobre as características atuais da arquitetura brasileira — tem Rodrigo M. F. de Andrade, escrevendo sobre "Capelas Rurais Brasileiras". E, mais: Gastão Cruis descobre as bonecas dos índios carajás, Oscar Niemeyer fala sobre Le Corbusier, Flávio de Aquino escreve sobre o "Monumento do Soldado Desconhecido" de José de Sousa Reis e Joaquim Cardoso volta com um texto sobre as casas sobre palafitas no Amazonas. Há uma reportagem sobre o Parque de Ibirapuera e outra sobre as críticas da "Architectural Review", de Londres, à moderna arquitetura brasileira. E há projetos de M.M.M. Roberto, Sérgio Bernardes, Bratke.

## Soirée

IBRAHIM SUED



O Embaixador de Sua Majestade a Rainha Elizabeth e Lady Thompson e o sr. e sra. Vicente Galliez, em uma noite de gala.



O elegante sr. Walter Pretzman. Passa seis meses no campo e seis na cidade. Um dos "gentlemen" do Rio de Janeiro.

● **CHEGOU AO RIO** o famoso Príncipe Ali Khan. Hóspede do sr. e sra. Carlos Eduardo Sousa Campos, o célebre Don Juan, fingindo não gostar de publicidade, não saiu das colunas dos jornais... Aliás, é curiosa a popularidade que o Príncipe induziu. Se recuamos alguns anos atrás, vamos ver o filho de Aga Khan jogando bola em frente ao Copacabana Palace, tomando seu "drink" tranquilamente na piscina do Copa, enfim, passeando calmamente pelas ruas da cidade, sem ser molestado pela imprensa, pelas mulheres e pelos olhares curiosos... Mas isso foi na sua primeira visita ao Rio, antes do sucessor de Aga Khan (será?) casar com Rita, atual sra. Dick Haymes. Depois desse casamento, noticiado com muitos foguetes em todo o mundo, o senhor em questão passou a ter os seus passos controlado pela imprensa, principalmente seus amores... E aí celebrou-se como um Don Juan internacional, só perdendo em popularidade, nesse setor, para o galante Porfírio Rubirosa. Depois de Rita, veio Merle Oberon, outra popular artista do cinema americano. Naturalmente que, entre essas duas, Ali teve centenas de romances... Onde quer que esteja, há sempre um jornalista em sua pista, descobrindo os seus amores. E assim vai vivendo o Príncipe que viaja pelos quatro cantos do mundo perseguido pela sua fama de Don Juan. Em suas peregrinações pelo Brasil, sempre declara à imprensa que adora o nosso país. Que seria a sua segunda pátria! Mas nesse encanto pelo nosso país existe também o "business", os \$\$\$\$\$, um dos motivos que trouxeram Ali Khan, mais uma vez, ao Rio. Veio em busca de três milhões e quinhentos mil cruzeiros, de cavalos puro sangue de seu haras, que vendeu a criadores bra-



O Embaixador Gilberto Amado e a sra. Briand Nell, em um banquete. O popular homem de letras quase não frequenta a sociedade. Mas, quando o faz, dá muito o que falar. Fêz um discurso bastante corajoso.

sileiros. O seu maior devedor é o sr. Euvaldo Lodi (notícia, aliás, que divulguei há três meses) e o seu maior "anjo da guarda" é o sr. Roberto Seabra, que o acompanha a todas as partes do Rio e São Paulo. Roberto é seu amigo e cicerone nos negócios de cavalos. A parte amorosa no Rio, desta vez, dizem que é a Duquesa de Devonshire, mas dizem também que é boato... É assim a vida de Ali Khan. Cheia de mexericos e de escândalos. Será feliz o Príncipe? Essa é a interrogação de muita gente. No Rio, tem feito intensa vida social. Almoçou na residência do casal Walter Pretzman. Jantou com Jorge e Dolores Guinic. Estêve no Copa, no Vogue e no "Sacha's". Dançou, bebeu e foi à praia e também tentou um "flirt" com a nossa Marta Rocha, sem sucesso, apesar de certa noite ter conversado várias horas com a jovem baiana que quase foi Miss Universo.

● **GINGER ROGERS** e seu marido Jacques Bergerac partiram. Depois de assistir ao Carnaval carioca, comparecer a vários programas sociais, despediram-se do Rio, oferecendo um elegante jantar em retribuição aos convites que tiveram no Rio. O jantar que o célebre casal ofereceu foi na residência do sr. e sra. Caraballo, amigos dos artistas, que emprestaram a casa para esse acontecimento. Ginger, ao se despedir, me disse: "Você pode ter certeza de que voltarei novamente ao Rio, para outro Carnaval. Estou levando comigo a baiana-Bangu, que José Ronaldo desenhou para mim". Como vocês estão vendo, fiquei satisfeito em saber que os meus convidados voltam para Hollywood, com uma impressão do Brasil muito diferente da de Ava Gardner... Esta, aliás, a razão pela qual promovi a vinda desses astros ao Brasil.

● **NOTÍCIAS:** O paulista Decio Novais continua telefonando para o Rio. Ela é a "Glamour-Girl" de 1954, senhorita Ilde Garavaglia. Está no Rio a sra. Hugo Gouthier: visita à família. Depois do casamento do sr. Antônio Almeida Braga com a sra. Isabel Novais, que se realizou em intimidade, os noivos seguiram para Guarapari.

● **E HOJE É SÓ.** O espaço terminou. Mas quero prevenir a vocês que a Dama de Prêto é contra a campanha de um milhão. É só.